

III Simpósio de desenvolvimento, tecnologias e Sociedade: Interdisciplinaridade e produção de conhecimento. 2012.

A ANTI-UTOPIA E O PESADELO VIRTUAL NO CINEMA: a arte imita a vida ou a vida imita a arte?

Diego Kenji de Almeida Marihama
<diegomarhama@yahoo.com.br>

Resumo

O objeto deste artigo é a anti-utopia do imaginário no cinema, embora acreditemos que tanto a literatura, quanto a arte, possuam estas características anti-utópicas trazidas aqui, ou seja, a sociedade mostra-se corruptível; caem as máscaras das normas que determinam os princípios criados para bem comum e aparece sua face distópica de flexibilidade oportunista que atende a interesses escusos e particulares. Acreditamos que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) deveriam trazer mais tempo livres ao trabalhador, entretanto é usada como ferramenta de submissão e já não suportam um embuste tradicional equivocado que se caracteriza pela informação desvinculada da realidade. Este trabalho se justifica por trazer estas contradições mostrando que o indivíduo, a comunidade, a sociedade e a humanidade sob o olhar da ciência e da tecnologia são fios que se enredam, se entrelaçam, se interpenetram, e se retroalimentam na complexidade de um novelo onde cada parte contém o todo e é por ele contida sem perder sua autonomia e a fraude entre a teoria e a prática do uso das técnicas vem sendo denunciada nestas manifestações cinematográficas. Nosso objetivo aqui é discutir a concepção de tecnologia, no imaginário anti-utópico cinematográfico, e seu impacto na sociedade, buscando analisar as imagens como meio de expressão e veículo formador do imaginário social. A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica em livros, filmes, revistas e na web, onde pesquisamos os imaginários tomando como exemplos o livro "Admirável Mundo Novo" escrito por Aldous Huxley publicado em 1932 e os filmes "Tempos Modernos" de 1936, "1984" publicado em 1949 "Matrix" de 1999, embora existam muitos outros, para mais do que perceber a distinção entre real e imaginário, perceber a confusão entre estas duas dimensões.

Palavras-chave: Cinema, anti-utopia, tecnologia, trabalho

1 INTRODUÇÃO

É possível afirmar que a Revolução Tecnológica vivida hoje pela nossa sociedade, é dialógica. Acreditamos que ela sustenta a construção participativa da informação através das redes sociais, emails e outras formas de comunicação, favorecendo o ciclo gnosiológico na produção de saberes onde o cinema foi e ainda é um meio extraordinário de circulação do conhecimento, de difusão de novas experiências e valores culturais, sendo considerado um dos símbolos de inovações da modernidade.

A palavra imaginário veio do latim *imaginatio* e corresponde à imaginação dizer respeito à capacidade mental para relacionar, criar, inventar ou construir imagens e a todas as coisas existentes na mente humana. Podemos dizer que é espaço criativo da consciência, um lugar dinâmico onde guardamos e arrumamos tudo aquilo que nossa fantasia artística consegue perceber. Consideramos sua definição, passando por alguns dos principais estudiosos do tema que insistem na necessidade de uma abordagem que considere diversas disciplinas simultaneamente. Destacamos, sobretudo, autores que aprofundaram a relação entre cinema e imaginário e cinema enquanto pensamento, capaz de mobilizar pessoas e sociedades na concretização de ideais humanitários projetados.

Quem melhor nos dá a sua definição é antropólogo do imaginário, Gilbert Durand, o qual ao mesmo tempo em que nos indica ser a sua temática interdisciplinar, relembra Bachelard que já profetizava ser a imagem objeto de estudo de toda disciplina que objetive aprofundá-la.

“O imaginário é esta encruzilhada antropológica que permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por um outro aspecto de uma outra. (...) Mais do que nunca, reafirmamos que todos os problemas relativos à significação, portanto ao símbolo e ao imaginário, não podem ser tratados – sem falsificação – por apenas uma das ciências humanas.” (DURAND, 2002, p. 18-19).

A Ciência e a Tecnologia vivem uma simbiose na qual uma alavanca a outra numa progressão cada vez mais rápida. Procuramos analisar e compreender os textos e filmes selecionados buscando responder às seguintes questões: Será que tudo aquilo que é cientificamente executável é eticamente aceitável? Para tanto é importante lembrar dois conceitos: o de forças produtivas¹ e relações de produção², que são condições naturais e históricas de toda a atividade produtiva que ocorre em sociedade.

¹ - **Forças produtivas** - este conceito é idéia central do marxismo e do materialismo histórico de Karl Marx e Friederich Engels e corresponde à combinação da força de trabalho humana com os meios de produção, ou seja, ferramentas trabalho, tais como tecnologia, máquinas, materiais, conhecimento técnico; a terra e demais recursos naturais, constituindo as condições materiais de toda a produção.

² **As relações de produção** - são as formas pela qual os homens se organizam para executar a atividade produtiva. Elas se referem às diversas maneiras pelas quais são apropriados e distribuídos os elementos envolvidos no processo de

A forma pela qual, ambas, existem e são reproduzidas numa determinada sociedade constitui o que Marx determinou de modo de produção. Para ele, o estudo deste é muito importante para a compreensão de como se organiza a sociedade. E é neste contexto que localizaremos os filmes e textos aqui analisados, para entender a cinematografia apontando a distopia entre a classe dominante e a classe dominada.

Neste trabalho lançamos um primeiro olhar ao que se relata tanto nos textos quanto nos filmes e em seguida juntamos diversos autores, e sua concepção de tecnologia, no imaginário distópico cinematográfico, buscando analisar as imagens como meio de expressão e veículo formador do imaginário social e seu impacto na sociedade.

1.1 Admirável Mundo Novo

O *Admirável Mundo Novo*, escrito por Aldous Huxley em 1931 é uma “fábula” futurista que relata uma sociedade completamente organizada, sob um sistema científico de castas. Haveria o condicionamento e a servidão seria regulada por doses regulares de “felicidade química” e ideologias seriam ministradas em cursos durante o sono. O conceito de família desaparece. Olhamos o presente imaginando como será o futuro com tantos avanços tecnológicos? Será ele caótico? Ou excessivamente controlado como apontado por Huxley? Ou estamos vivenciando o pesadelo virtual de *Matrix*, a fábula cinematográfica atual?

A ficção científica merece atenção porque busca, entre outras coisas, dar conta dos dilemas de um mundo onde a ciência tanto pode solucionar problemas, quanto criar outros mais complexos. Nos últimos anos, muito se tem falado a respeito da engenharia genética. Inúmeros debates foram organizados com a participação de especialistas e, apesar de alguns deles tenham se lembrado de citar obras do gênero, de *Admirável Mundo Novo*, como um exemplar literário representativo da ética das respectivas discussões, relativas ao controle da natalidade dentro de seu sistema de castas, as discussões não citam Huxley quando se trata de clonagem, embora ele pudesse ter previsto a reprodução humana em série através de eugenia e do seu contrário, que dependendo da classe genética a pertencia (Alfa+, Alfa, Beta+, Beta, Gama, Delta ou Épsilon) cada grupo era tratado com substâncias diferentes durante a gestação, produzindo um número considerável de gêmeos idênticos.

Além disso, a obra se distingue da literatura chamada “fantástica”, devido ao alto grau de racionalidade que justifica seus aspectos “excessivos”, transformando o “não factual” em factível.

trabalho. Assim, as relações de produção podem ser cooperativistas (como um mutirão), escravistas (como na Antigüidade), servis (como na Europa feudal) e capitalistas (como na indústria moderna).

Assim, o que talvez fosse absurdo para o leitor dos anos 30, para o leitor moderno se apresenta como natural.

Essa obra suscita inúmeras reflexões sobre o mundo contemporâneo permeado pelas máquinas digitais, tendendo às discussões ideológicas. Seu olhar sobre a ficção científica e a utopia reforça o caráter crítico. A tecnologia, assim, é objeto de apropriação privada e incorpora a ciência, convertendo-se em tecnociência (BAUMGARTEN, 2005) que se transforma em mercadoria de alto valor, progressivamente inserida no cotidiano das sociedades, em sua estrutura de poder e em suas matrizes simbólicas e culturais (LASTRES e ALBAGLI, 1999). Passa a ser também um poder dominante na sociedade, tendendo, sua prática, dominado por privilégios.

1.2 Tempos Modernos

Em “Tempos Modernos”, “1984” e “Admirável Mundo Novo” as distopias caracterizam-se por setores da produção, que protegem seus lucros, vigiando todos aqueles que nelas trabalham, submetendo-os desde seu nascimento até a morte, a procederem conforme as regras estabelecidas e recomendáveis para o "bem" da sociedade.

“Tempos Modernos” filme realizado em 1936 retrata e questiona a sociedade industrial de seu tempo em plena expansão, subjugando os trabalhadores aos seus objetivos lucrativos.

Nos filmes de Chaplin, a linguagem cinematográfica transforma-se em pensamento profético, denunciando as mazelas dos sistemas que teimam em manter o ser humano submisso, curvado às injustiças sociais, ao mesmo tempo em que proclama novos tempos, de justiça, de paz e de liberdade. Os filmes escolhidos não perderam a sua contemporaneidade e nos oferecem ainda a possibilidade de projetar nossos imaginários – instrumentais em potencial – na busca da hominização, do ser humano e da sociedade que almejamos.

O filme é uma sátira sobre a vida em uma sociedade industrial e consumista. Trump (Chaplin) confronta-se com todas as invenções desumanas de uma fábrica, que finalmente o levam à loucura. A crítica não é só à mecanização, mas também a outras questões sociais da época: Trump é preso a toda hora, confundido com comunistas, grevistas ou por qualquer motivo tolo; seu romance com uma jovem órfã é impedido pelas autoridades; para todo esforço parece haver um empecilho por parte do governo ou da sociedade.

Há várias sequências neste filme que são geniais desde o princípio. Entretanto, as que ocorrem dentro das fábricas, constituem-se, em trechos antológicos, que se não estão deveriam ser colocados entre os mais importantes e significativos da história do cinema mundial. No trecho em que o mecânico fica retido entre rolos, parafusos e demais mecanismos que movimentam a fábrica, a ironia se dá por conta das atitudes de Trump (Chaplin) no momento em que é acionado o apito

que sinaliza a hora do almoço, mesmo diante da situação de dificuldade vivida por seu imediato superior, o operário vivido por Chaplin deixa de tentar auxiliá-lo em sua tentativa de sair da enrascada em que se encontra, pega sua marmita e começa a comer. As reclamações do mecânico-chefe são encaradas pelo operário como sendo provenientes da fome e da vontade de almoçar do mesmo! O que poderia ser considerado como mais um dos vários momentos cômicos do longa-metragem é mais uma crítica social, relacionada à sujeição do homem contemporâneo a escravidão do relógio, com seus horários pré-estabelecidos, com seu almoço e seu jantar atrelados a determinados momentos específicos do dia, mesmo que esteja sem fome; e com seu lazer estipulado para os finais de semana ou para as folgas alternadas das escalas e turnos estabelecidos pelas empresas; com suas férias tendo que ser vividas no prazo que for dado pelas companhias, com os ponteiros oprimindo a espontaneidade e a criatividade dos homens.

O filme foi um grande sucesso, mas, na época de seu lançamento, foi proibido pelo regime fascista na Itália e na Alemanha. “Tempos Modernos” é o último filme mudo de Chaplin, que, apesar de não ter diálogos, conta com música e efeitos sonoros sincronizados, ele mostrou o grande agente humano que o cinema pode ser tanto em forma como contexto.

1.3 “1984”

Quando foi publicada em 1949, poucos meses antes da morte de George Orwell, essa assustadora distopia cujo enredo ocorre de forma arbitrária num futuro perigosamente próximo, logo experimentaria um imenso sucesso de público.

Orwell compõe com brilhantismo uma “utopia negativa” onde os cidadãos são vigiados todo o tempo em todo lugar pelas teletelas (aparelhos que transmitem e captam som e imagem) sob a liderança do Partido e do Grande Irmão. Em todos os lares dos membros do Partido, praças, ruas e locais públicos, as teletelas transmitem a ideologia do Partido. Mais do que isso, captam todos os movimentos de seus filiados.

O herói de 1984, Winston, vive aprisionado na engrenagem totalitária de uma sociedade completamente dominada pelo Estado, onde tudo é feito coletivamente, mas a solidão é a realidade. Ninguém escapa à vigilância do “Big Brother”, o Grande Irmão, hoje tão famoso! Esta é a mais famosa personificação literária de um poder fingido, sem escrúpulos, impostor e cruel.

O impacto de “1984” não surpreende, porque o romance incrivelmente bem escrito prevê um futuro assustador com precisão chocante.

Em 1984, o passado vive em constante alteração de acordo com o bel prazer do Partido. Todos os dias documentos são alterados, modificando o passado. Não há como saber o que é fato e o que é invenção do partido. Ou se algo na História ainda é verdadeiro. O Partido manipula o

passado para controlar o presente e se apossar do futuro. O herói da história trabalha no departamento responsável por essas alterações e a partir daí começa a formar seu pensamento crítico, pois ele não consegue mais saber o que é verdade e mentira e como a todo tempo as coisas mudam e ninguém percebe. Há também uma coisa chamada Duplipensar é uma palavra de um vocabulário próprio desse mundo chamado Nova fala. Esse conceito é essencial para quem vive sobre o regime do Partido.

Nesse meio tempo, Winston conhece Julia, alguém que no meio desse mundo controlador parece partilhar com ele as mesmas ideias sobre o Partido. Líder da Liga Juvenil Antissexo, Julia usa o relacionamento sexual como forma de se rebelar contra o Partido. Já que sexo para o Partido não deve envolver prazer, apenas é uma função que você deve cumprir para o Partido como forma de “dever”, reproduzindo-se e criando mais pessoas para servir.

O mundo de **1984** é completamente autoritário e serviu como inspiração para vários autores que resolveram se enveredar por mundos distópicos após ele. É uma história que te deixa sem palavras, carregada de significados. O livro foi escrito no período pós-Segunda Guerra e carrega os medos da sociedade da época de forma exacerbada. Para nós que vivemos uma política diferente, muitas coisas podem parecer não fazer sentido, mas para o período que foi escrito – início da Guerra Fria e a ameaça iminente de uma nova Guerra Mundial – era uma resposta ao medo de um povo.

Na sociedade contemporânea, o romance assusta os leitores ainda mais, já estes podem realmente ver o quanto de avisos proféticos de Orwell têm se realizado.

Nos Estados Unidos, foi visto como uma fantasia de horror quase cômico voltada contra o comunismo da hoje extinta União Soviética. Afinal, quem não conhece hoje em dia "ministérios da defesa" dedicados a promover ataques bélicos a outros países, da mesma forma que, no livro de Orwell, o "Ministério do Amor" é o local onde Winston será submetido às mais bárbaras torturas nas mãos de seu suposto amigo O'Brien. Com isso, a referência ao termo Big Brother é comum nos tempos atuais, como tempos de vigilância.

Em “1984”, o medo também possui um papel fundamental como meio de persuadir os indivíduos a obedecerem às leis do Grande Irmão. Os enforcamentos perante a multidão, além de terem uma conotação de propaganda política do Estado que protege seus “cidadãos”, possuem também o objetivo de coagir os indivíduos a obedecerem às leis sob pena de morte.

Num momento de lucidez, Winston percebeu que ele também estava gritando com os outros e batendo os calcanhais violentamente contra a travessa da cadeira. O horrível dos Dois Minutos de Ódio era que embora ninguém fosse obrigado a participar, era impossível deixar de se reunir aos outros. Em trinta segundos deixava de ser preciso fingir. Parecia percorrer todo o grupo, como uma corrente elétrica, um horrível êxtase de medo e vingança, um desejo de matar, de torturar, de

amassar rostos com um malho, transformando o indivíduo, contra a sua vontade, num lunático a uivar e fazer caretas. (ORWELL, 2003, p18)

A discussão do texto a partir da personagem Winston Smith conduz ao enfoque de outros elementos, como o espaço e os temas, que se mostram de grande importância não só para a compreensão do romance enquanto modelo narrativo, mas também dos conceitos autorais que motivaram a concepção da obra. A junção dessas perspectivas ressalta a visível pertinência de certos aspectos do romance para a reflexão sobre práticas autoritárias que agridem a liberdade individual de escolha, ação e consciência nas sociedades atuais.

1.4 “Matrix”

Um dos principais motivos que tornou *Matrix* um dos filmes mais influentes dos últimos cinco anos é a sua complexidade. Os próprios irmãos Wachowski disseram certa vez que todas as idéias que eles tiveram estão ali, e para tentar clarear um pouco a mente, preparamos um guia com as principais diretrizes do comportamento de Neo, Morpheus e Trinity.

Da espetacularização da vida social à generalização da guerra virtual - transformada em mercadoria, como atividade de lazer de grupos cada vez maiores de jovens em todo o mundo, seja na forma de videogames, é apenas um pequeno passo que nos leva às mais recentes ilusões difundidas pelas mídias: a promessa de um futuro radioso, pós-humano, no qual, libertados deste corpo de carne e osso imperfeito e mortal, pudéssemos fazer tudo o que queremos (inclusive a guerra) e ser felizes para sempre, imersos na pura tecnologia, inteligência pura, desencarnada.

A trama tecnológica deste filme nos leva ao mundo virtual de Matrix, se passa em um futuro próximo, Thomas Anderson, um jovem programador de computador que mora em um cubículo escuro, é atormentado por estranhos pesadelos nos quais se encontra conectado por cabos e contra sua vontade, em um imenso sistema de computadores do futuro. Em todas essas ocasiões, acorda gritando no exato momento em que placas de eletrodos estão para penetrar em seu cérebro. À medida que o sonho se repete, Anderson começa a ter dúvidas sobre a realidade. Por meio do encontro com os misteriosos Morpheus e Trinity. Thomas descobre que é, assim como outras pessoas, vítima do Matrix, um sistema artificial inteligente que manipula a mente das pessoas. Morpheus, entretanto, está convencido de que Thomas é Neo, o aguardado messias capaz de enfrentar o Matrix e conduzir as pessoas de volta à realidade e à liberdade.

A realidade acontece 200 anos depois do presente, em um planeta Terra escuro e devastado, onde computadores avançadíssimos assumiram o poder. A energia que move as máquinas tiranas é a energia elétrica produzida pelos corpos humanos. Cultivados em extensas "plantações", os seres humanos são aprisionados em casulos neurais, vivendo em suas mentes uma vida falsificada, criada

por seus opressores. *Matrix* é o programa criado pelas máquinas para manter os seres humanos em sua feliz ignorância.

O filme não explica com detalhes como os rebeldes conseguiram escapar das garras da Matrix, nem de onde vem Zion, um foco de resistência rebelde onde os bebês ainda são concebidos naturalmente, sem a supervisão aterradora das máquinas.

Este filme foi buscar apoio em filosofias como a de Platão “Alegoria da Caverna”, o budismo, espiritualismo, ocultismo, messianismo, entre outras. Interessante é que o filme foi lançado na Páscoa de 1999. Morpheus levou Neo a conhecer “o Oráculo”, tal como o filósofo Sócrates procurava o oráculo, que lhe dissera que ele era o mais sábio dos homens, mas ele duvidava, Neo também duvidava, inicialmente, ser ele o “escolhido”.

- Morpheus é o nome para o Deus dos sonhos, na mitologia Grega.
- Neo é o escolhido, o salvador.
- Trinity é a Trindade. Representa a Grande Mãe- Filha e Espírito Santo.

Porque escolheram o nome Morpheus para o mestre de Neo? Talvez porque no sonho, a alma pode emancipar-se, viajar a outras realidades. Neo vivia numa realidade ilusória, e Morpheus despertou-o para a realidade.

O filme não explica muito bem o porquê, mas os embates acontecem no espaço virtual de Matrix, onde derrotar os agentes é fundamental para desestruturar e destruir o malévolo programa.

Os efeitos especiais criados por John Gaeta são de alta tecnologia virtual. Adaptando uma técnica de animação para a decomposição de imagens usando atores em vez de desenhos, com a ajuda de computadores e de mais de cem câmeras fixas, Gaeta criou a fotografia em *tempo de bala*, ou “bullet time”, inventando assim as incríveis cenas em que os personagens se desviam das balas.

A ciência tem criado robôs com capacidade de aprendizagem (inteligência artificial) e outras com capacidade de construir mais máquinas, um dia poderão ser auto-suficientes, entretanto, continuarão sendo resultado de uma programação e portanto, sem chance de subjugar a humanidade. O problema a ser estudado e analisado é seu uso pelo capitalismo que orienta este uso para a submissão. A Inteligência Artificial (IA) não é emotiva, é lógica, portanto calculista e fria. Aliás, Isaac Asimov escreveu um livro de ficção, sobre isso, décadas atrás e Aldous Huxley em “Admirável mundo novo”. Esta tecnologia (IA) está em constante desenvolvimento e os governos investem milhões nela. O lado bom disso são os “chips” com “inteligência embarcada”, ou seja, pequenos programas que já vêm gravados em “chips” usados em tecnologia que permite efetuar determinadas ações previamente estabelecidas sem a intervenção humana em alguns equipamentos, para melhorar, proteger ou facilitar o trabalho do usuário. Por exemplo: Se um veículo com carga

valiosa parou no sinal e o veículo foi abordado por assaltante, ao abrir a porta o sensor detecta e o equipamento inteligente aciona imediatamente o bloqueio do motor, aciona sirene e envia o alarme para a Central de Rastreamento, sem necessidade de ação do operador nem o botão de pânico pelo motorista.

1.5 Interdisciplinaridade: Luz, câmera ação

A Interdisciplinaridade, como o próprio conceito recomenda, não anula as disciplinas, mas pede que elas dialoguem entre si e em busca de inovação.

Ressaltamos, nesse artigo, a importância dos debates interdisciplinares e do alargamento do olhar daquilo que se passa dentro das fábricas e dos sindicatos para novas tematizações que incluam os estudos sobre o mercado de trabalho e suas segmentações, as diferenças setoriais, as implicações diferenciadas do processo de reestruturação para as distintas empresas das cadeias produtivas, as diferenças entre o processo brasileiro e o dos países do Primeiro Mundo, entre outros.

Para a sociedade economicamente ativa e detentora dos meios de produção, não necessitando da mão de obra humana para mover-se, a máquina capitalista promove a sua eliminação. Neste sentido, Hannah Arendt, em 1962 disse:

“É bem concebível que na economia automatizada de um futuro não muito distante os homens possam tentar exterminar todos aqueles cujo quociente de inteligência esteja abaixo de determinado nível” (ARENDR, 1999, p.312).

Desta forma trouxemos autores de diversas áreas que nos falarão sobre as questões como: tecnologia, sociologia, trabalho, alienação, exploração da mão de obra, mais valia etc.

A Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra, foi um processo de transformação histórico dentro do capitalismo, dentre essas transformações está o incentivo ao desenvolvimento da economia burguesa e um conjunto de inovações tecnológicas. As inovações tecnológicas oferecidas, principalmente a partir do século XVIII, proporcionaram maior velocidade ao processo de transformações da matéria-prima.

De acordo com HORKHEIMER e ADORNO (1988), a razão iluminista, que visava a emancipação dos indivíduos e o progresso social, terminou por levar a uma maior dominação das pessoas em virtude justamente do desenvolvimento tecnológico-industrial, que busca sempre a dominação, tanto da natureza quanto do próprio ser humano.

Assim, escreveu HORKHEIMER em Eclipse da razão:

Parece que enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte da atividade e do pensamento humano, a autonomia do homem enquanto indivíduo, a sua capacidade de opor a resistência ao crescente mecanismo de manipulação de massas, o seu

poder de imaginação e o seu juízo independente sofreram uma redução. O avanço dos recursos técnicos de informação se acompanha de um processo de desumanização. (HORKHEIMER, 1976, p.6)

Segundo BAUDRILLARD (1969), a sociedade atual não pode mais ser compreendida a partir de sua estruturação em classes sociais, pois essas classes sociais perderam a sua identificação como tal. No processo de massificação ocorre uma neutralização das perspectivas de transformação social, e os indivíduos aderem à banalização da vida cotidiana. As teorias de Baudrillard inspiraram os irmãos Wachowski, criadores da trilogia “Matrix”.

BAUDRILLARD (1969) afirmava, em um estudo célebre, que o consumo é regido por uma lógica das significações, em que tudo se converte em signo (até as ideologias, as religiões, os “estilos”, as “atitudes”). A lógica do consumo não é como poderia parecer, a de induzir a compra de determinados bens (ou seja, um fenômeno da ordem da “manipulação”), mas o fato de que *qualquer coisa* pode ser convertida ao serviço dos bens e transformada em mercadoria - ou seja, produzida, distribuída e consumida.

Nesse ponto, a tarefa seria anunciar essa possibilidade. Se isso não ocorrer, teremos o contrário, ou seja, a perpetuação do desenvolvimento técnico científico a serviço da dominação e da homogeneização dos indivíduos. Tal situação criaria o que Marcuse denominou de “o homem unidimensional”, incapaz de criticar a opressão e construir alternativas futuras.

Jean Baudrillard dedica seus estudos à compreensão da sociedade de massa. Analisa aspectos como a Indústria Cultural e o fenômeno do consumismo, que promovem a massificação da sociedade.

Novas máquinas automatizadas, geralmente movidas pela tecnologia do motor, a vapor, foram responsáveis por esse tipo de melhoria. Os trabalhadores passaram por um processo de especialização de sua mão-de-obra, assim só tinham responsabilidade e domínio sob uma única parte do processo industrial.

DEJOURS (2001, p. 21), afirma que a psicodinâmica do trabalho sugere que a adesão ao discurso economicista seria uma manifestação do processo de ‘banalidade do mal’. O termo banalidade do mal, utilizado por Dejours, acima citado, e que faz parte do título de seu livro “A Banalização da Injustiça Social”, foi utilizado pela primeira vez, segundo ele, por Hannah Arendt, em sua obra “Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal”.

“Desde 1980, não foi simplesmente a taxa de desemprego que mudou, mas toda a sociedade que transformou qualitativamente, a ponto de não mais ter as mesmas reações que antes. Para sermos mais preciso, vemos nisso essencialmente uma evolução das reações sociais ao sofrimento, à adversidade, e à injustiça. Evolução que se caracterizaria pela atenuação das reações de indignação, de cólera e de mobilização coletiva. Para a ação em prol da solidariedade e da justiça, ao mesmo tempo em que se desenvolveriam reações de reserva, de hesitação e de

perplexidade, inclusive de franca indiferença, bem como de tolerância coletiva à inação e de resignação à injustiça e ao sofrimento alheio”. (DEJOUR, 2001, p.23)

Assim, o trabalhador não tinha mais idéia da riqueza por ele produzida. Passou a receber um salário para exercer suas funções, mas nem sempre compatível com o que ele era capaz de produzir. E dessa forma, torna o trabalhador inapto a acompanhar qualquer processo completo de produção, alienando-se.

Segundo LASTRES e ALBAGLI (1999)

“(…) Indicadores nos mostram, por exemplo, que cerca de 80% de toda a produção mundial ainda são consumidos nos países em que são produzidos; e que a poupança doméstica financia 95% da formação de capital. Ressalta ainda como distorção talvez mais flagrante a constatação de aumento nas barreiras à mobilidade de pessoas, e especificamente trabalhadores. (LASTRES e ALBAGLI, 1999, P.11)

ADORNO e HORKHEIMER (1988) na obra *A dialética do esclarecimento* (escrita em 1947) fizeram críticas ao Iluminismo, que estimulou o desenvolvimento dessa razão controladora e instrumental que predomina na sociedade contemporânea. Denunciam também o desencantamento do mundo, a deturpação das consciências individuais, a assimilação dos indivíduos ao sistema social dominante.

A banalização do mal, ou da injustiça social, é a tolerância à mentira, a não denúncia e, além disso, a cooperação e a participação em se tratando da injustiça e do sofrimento infligidos a outrem. Segundo Dejours:

“Trata-se, sobretudo de infrações cada vez mais frequentes e cínicas das leis trabalhistas: empregar pessoas sem carteira de trabalho para não pagar as contribuições previdenciárias e poder demiti-las em caso acidente de trabalho, sem penalidade; empregar pessoas sem lhes pagar o que é devido; exigir um trabalho cuja duração ultrapassa as autorizações legais, etc.” (DEJOURS, 2001, p76)

Herbert MARCUSE (1966), assinala que a possibilidade de uma civilização menos repressiva pode surgir do próprio desenvolvimento tecnológico. Para este autor, a tecnologia pode favorecer condições para a liberdade em relação do trabalho e o conseqüentemente aumento do tempo livre. No entanto, isso somente ocorrerá, segundo este autor, com a intervenção do ser humano reorientando o rumo da trajetória histórica trazida por esse desenvolvimento.

Segundo BAUDRILLARD (1969), o sistema tecnológico desenvolvido e a quantidade de informações influenciam na definição da massa crítica. A máquina representa o homem que se torna um elemento virtual deste sistema. O seu ensaio sobre como os meios de comunicação de massa produzem a realidade virtual inspirou os diretores da trilogia de "Matrix".

Este autor qualifica de hiper-realidade, a capacidade de a mídia criar uma realidade virtual, que substitui, para as pessoas, a própria realidade. Para Baudrillard, a sociedade contemporânea é a sociedade do espetáculo, da vida virtual veiculada pelos meios de comunicação.

1.6 Conclusões

Estes filmes e livros são trabalhos que representam um marco no estudo da Psicopatologia do Trabalho.

Muitas metáforas existem e outras tantas são possíveis para tentar explicar ou pelo menos compreender este fenômeno, cuja complexidade desafia as ciências humanas. Podemos considerar metáforas como propostas alternativas - expressão das diversidades culturais ou ideológicas - que se valem nesta cibercultura ultrapós-moderna.

A dignidade da pessoa humana clama por justiça, aonde quer que ela esteja, e seja ela quem for. Transigir com o desrespeito à supremacia da sensibilidade do ser humano, negando-lhe esta qualidade é, acima de tudo abrir mão de qualquer sentimento moral, negando ao homem o direito de existir. A superação da indiferença e uma postura responsabilmente empática são fundamentais para a superação da frieza da materialidade imposta pelo mundo individual e materialista.

Lembramos MORIN (1980) que nos relata que

“Entra-se no reino do imaginário no momento em que as aspirações, os desejos e os seus negativos, os receios e os terrores, captam e modelam a imagem, com vista a ordenarem, segundo a sua lógica, os sonhos, os mitos, as religiões, as crenças, as literaturas, ou seja, precisamente, todas as ficções. Mitos e crenças, sonhos e ficções, são os rebentos da visão mágica do mundo. São elas que põem em ação o antropomorfismo e o duplo. O imaginário é a prática espontânea do espírito que sonha”. (MORIN, 1980, p. 95-96).

Natureza, trabalho e conhecimento são conceitos centrais para, a partir das possibilidades que a realidade atual nos apresenta, pensar uma utopia que supere as conquistas da modernidade e incorpore o domínio coletivo e consciente das ciências, das técnicas, das escolhas de produção, de distribuição e de consumo de bens materiais e não materiais, elementos que não podemos desprezar, pois corremos o risco da violência psicológica no trabalho e do processo de banalização da injustiça social, ou seja:

“Para a ação em prol da solidariedade e da justiça, ao mesmo tempo em que se desenvolveriam reações de reserva, de hesitação e de perplexidade, inclusive de franca indiferença, bem como de tolerância coletiva à inação e de resignação à injustiça e ao sofrimento alheio.” (DEJOURS, 2001, p23)

Como considerar admirável este nosso novo mundo? E que neste século que se diz moderno e operacional, frente ao aparato das técnicas, sacrifica o espírito? A verdadeira revolução se realiza não no mundo exterior, mas na alma dos seres humanos.

Embora a maioria dos pesquisadores concorde que a ficção científica seja uma metáfora do tempo em que vive o criador do livro “Admirável Mundo Novo” prova que tem envelhecido satisfatoriamente por parecer cada vez mais próximo de nós: com o avançar do tempo, essa obra se tornou mais viva, mais atual, em muitos aspectos como se o parâmetro do autor fosse o nosso tempo e não o dele próprio.

Portanto, este artigo reveste-se de uma importância significativa à medida que trouxe texto e o cinema denunciando de maneira sintética, o sofrimento no trabalho; um tema tão presente e próximo da realidade de todos os trabalhadores.

Bibliografia

ADORNO, Teodoro W.; HORKHEIMER, Marx. *Dialética do Esclarecimento*, Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAUDRILLARD, Jean - *Para uma Crítica da Economia Política do Signo*. Ed. Martins Fontes, Porto, 1969.

BAUDRILLARD, Jean - *Transparência do Mal*. Campinas: Ed Papyrus, 1990.

BAUMGARTEN, M. (org.) **Conhecimentos e redes: sociedade, política e inovação**. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2005.

DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de Psicopatologia do Trabalho*. São Paulo: Cortez, 1998.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

HORKHEIMER, M. *Eclipse da Razão, Labor*, Rio de Janeiro, 1976

HUXLEY, Aldous (ed. 1946; 1932), *Admirável Mundo Novo*, Lisboa, Livros do Brasil.

LASTRES H M e ALBAGLI S, *Informação e Globalização na era do Conhecimento (Org.)*, Campus 1999.

MARCUSE, H. *Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro Zahar Editores, 1966.

MARX, Karl, *O Capital - Edição Condensada – Edipro, 3ª Ed, 2008*.

MORIN, Edgar (1999), Os sete saberes para a educação do futuro, Lisboa, Instituto Piaget.

MORIN, Edgar. *O cinema ou o homem imaginário*. Lisboa, Moraes Ed., 1980.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Editora Nacional, 2003.

ORWELL, George; *Revolução dos Bichos* (“animal farm”), editora Globo, 1945.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo Dicionário de Economia*. "Forças produtivas", p. 249.